

DIÁLOGOS ENTRE PIERRE BOURDIEU E MICHEL DE CERTEAU

*Elisângela Conceição Vieira Palongan
Dayane Alves de Souza Silva*

RESUMO

Este ensaio teórico tem o objetivo de compreender os principais conceitos de Bourdieu e Certeau e identificar as possíveis aproximações entre os dois autores. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com base em publicações apoiadas nesses autores, bem como em suas obras originais. Neste sentido, ambos de origem francesa, buscaram ao longo de suas vidas e carreiras desenvolver pesquisas que evidenciassem o modo de vida da sociedade francesa. Desta forma, empreenderam pesquisas empíricas e elaboraram conceitos que têm sido amplamente estudados e discutidos, tais como a Teoria dos Campos e *Habitus* de Bourdieu e o Cotidiano, com destaque para as estratégias e táticas, de Certeau. É possível considerar que há aspectos em comum e que dialogam na obra dos dois autores, necessitando, porém, de outras pesquisas que deem continuidade ao aqui proposto, buscando por meio de dados empíricos ampliar a discussão da aproximação e do diálogo entre as obras dos autores mencionados.

Palavras-chave: Bourdieu. Certeau. Campo. *Habitus*. Cotidiano.

1 INTRODUÇÃO

Identificar e compreender como a vida em sociedade, como a vida em comunidade, como a vida nas organizações ocorre, no dia a dia, na prática cotidiana, têm sido objeto de estudo de vários pesquisadores ao longo dos anos. Dentre esses pesquisadores, destacam-se Pierre Bourdieu e Michel de Certeau que ao longo de suas vidas e carreira acadêmica dedicaram-se a pesquisar instituições francesas, dentre elas a família, a escola, a vida social em classes sociais e econômicas distintas, inclusive as relações cotidianas existentes e desenvolvidas nos bairros, nas ruas e na vizinhança.

Bourdieu e Certeau são de origem francesa e viveram no mesmo período, século XX. Ambos concentraram seus esforços e suas pesquisas na compreensão de aspectos que envolvem os sujeitos e a vida em sociedade. Sociedade esta dividida em classes com menor e maior poder aquisitivo, denominado por Bourdieu de capital econômico, acesso à bens, artigos de luxo, obras de arte, acesso e gosto por lazeres mais refinados como teatro e recitais, o capital social, bem como acesso à educação, identificado como capital intelectual. Já Certeau direcionou o olhar para o homem, para a mulher, para o indivíduo “invisível” na sociedade, o assim denominado pelo autor de homem ordinário, aquele cuja ação está na vida cotidiana, no dia a dia, nas pequenas coisas como morar e cozinhar, ou seja, está no ato de viver a vida.

Tanto Bourdieu quanto Certeau ao longo de suas pesquisas desenvolveram conceitos que caracterizaram suas pesquisas e, desencadearam uma série de estudos que têm utilizados tais autores como base teórica. Tendo em vista que ambos foram pesquisadores que estudaram a sociedade francesa em períodos de tempo próximos, o objetivo deste ensaio é compreender os principais conceitos de Bourdieu e Certeau e identificar as possíveis aproximações entre os dois autores.

Desta forma, este ensaio teórico está organizado da seguinte maneira: na seção dois é apresentada uma breve biografia de Pierre Bourdieu e serão trazidos os principais conceitos desenvolvidos pelo autor. Na seção três Michel de Certeau e seus conceitos são apresentados. Já na seção quatro são evidenciadas as possíveis aproximações teóricas entre os dois autores. Por fim, na seção cinco são demonstradas as considerações finais.

2 PIERRE BOURDIEU E SUA OBRA

Pierre Félix Bourdieu nasceu em 01 de agosto do ano de 1930, em Denguin no sudoeste da França, no seio de uma família de camponeses. Kursou a educação básica em sua cidade natal e em 1951 ingressou na Faculdade de Letras, em Paris, e na Escola Normal Superior. Em 1954 obteve a graduação em Filosofia. Em seguida serviu o exército militar na Argélia (então colônia francesa), onde retomou a carreira acadêmica e escreveu o primeiro livro sobre a sociedade cabila. Entre os anos de 1958 e 1960, assumiu a função de professor assistente na Faculdade de Argel. Quando retornou à França, foi nomeado como assistente do filósofo Raymond Aron (1905-1983) na Faculdade de Letras de Paris, momento em que filiou-se ao Centro Europeu de Sociologia, vindo a ser secretário-geral no ano de 1962 (FRAZÃO, 2015).

Entre os anos de 1960 e 1970, Bourdieu se dedicou a desenvolver pesquisas como etnólogo que, por sua vez, revolucionaram a Sociologia. Dessas pesquisas sobre a vida em sociedade, sobre a vida cultural, sobre as práticas de lazer e de consumo dos povos europeus, principalmente dos franceses, resultou a publicação de “Anatomia do Gosto” (1976), e em uma de suas obras mais conhecidas “A Distinção – Crítica Social do Julgamento” (1979). Ao todo, entre livros e artigos, Bourdieu publicou mais de 300 títulos (FRAZÃO, 2015).

No ano de 1981, Bourdieu assumiu a cadeira de Sociologia no Collège de France, onde em sua aula inaugural destacou-se por propor uma crítica sobre a formação do sociólogo, propondo o que ficou identificado como “Sociologia da Sociologia”. Tendo em vista sua vasta produção intelectual e a importância de suas obras, em 1989 recebeu o título “Doutor Honoris Causa” da Universidade Livre de Berlim, da Universidade Johann Wolfgang-Goethe de Frankfurt e da Universidade de Atenas, no ano de 1996 (FRAZÃO, 2015).

Em suas obras, Bourdieu buscou elucidar a diversidade do gosto entre os seguimentos sociais, analisando a variedade das práticas culturais entre os grupos, afirmando que o gosto cultural e os estilos de vida da burguesia, das classes médias e operária, estavam profundamente marcados pela trajetória social vivida por cada um deles. Bourdieu foi considerado um dos mais importantes intelectuais de sua época. Tornou-se referência na Antropologia e na Sociologia, publicando trabalhos sobre educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística, comunicação e política. Bourdieu faleceu de câncer no dia 23 de janeiro de 2002 em Paris, França, e suas obras têm sido utilizadas por diversos pesquisadores na compreensão de temas que envolvem as organizações e a vida em sociedade (BOURDIEU, 2007; FRAZÃO, 2015).

2.1 CONCEITO DE CAMPO, CAPITAL ECONÔMICO, CULTURAL, SOCIAL E SIMBÓLICO E *HABITUS*

Nas diversas pesquisas em que realizou, Bourdieu identificou alguns conceitos que caracterizam suas obras. Dentre eles, a Teoria dos Campos é um de seus conceitos centrais. Por meio do conceito de campo, Bourdieu explica que no mundo social são diversos os campos existentes, sejam eles igrejas, famílias ou ambiente profissional. São múltiplos os locais cujos jogos de poder demarcam fronteiras, cuja passagem só ocorre por meio da aquisição de um *habitus* próprio (BOURDIEU, 2007).

O campo é também um espaço estruturado em que dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de colocações neste espaço. Cada campo possui aspectos singulares, como se fossem pequenos “mundos” dentro do mundo social, e possui regras e características específicas, como o campo da moda, do esporte, da religião, da política e diversos outros. Para Bourdieu, ao se estudar um determinado campo, evidenciam-se esses aspectos singulares, mas que também podem ser importantes na análise de funcionamento de outros campos (BOURDIEU, 2009).

Esses campos muitas vezes se apresentam como um campo de lutas, em que dominantes e dominados buscam a manutenção ou obtenção/ganho de poder. Assim, os campos são resultados de processos de diferenciação social, das relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e das instituições que lutam pela manutenção da supremacia e do privilégio, ou seja, a concentração da autoridade e do poder. Bonnewitz (2003) afirma que na sociologia bourdieusiana um campo pode ser comparado a um mercado em que os agentes se comportam como jogadores.

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com as

outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc) (BOURDIEU; WACQUANT, 1993, p. 72 *apud* BONNEWITZ, 2003, p. 60).

As lutas que ocorrem nos campos (entre os detentores do poder e aqueles que desejam assumir novas posições), muitas vezes estão relacionadas à posse de um capital específico. Para ter acesso a determinado campo é necessário que os agentes tenham a posse do capital necessário, capital este que pode ser econômico, cultural, social ou simbólico. Porém, o capital que se acumula em determinado campo nem sempre é passível de transferência para outro campo, estando limitado ao próprio campo. Desta forma, o capital adquirido em determinado campo, como por exemplo, o econômico, com o acúmulo de bens e recursos financeiros, não é requisito para se conseguir obter o capital cultural (conhecimento, títulos), ao menos no curto prazo (BOURDIEU, 2007; 2009; BONNEWITZ, 2003).

Assim, as diferentes formas de capital permitem estruturar o espaço social e o campo. O capital econômico é constituído pelos diferentes fatores de produção, como terras, fábricas, trabalhos e pelos bens econômicos como renda, patrimônio e bens materiais. Já o capital cultural, refere-se às qualificações intelectuais adquiridas pelo indivíduo no sistema escolar ou recebidas pela família, sendo expresso de forma objetiva como a posse de obras de arte ou, de forma institucionalizada, como os títulos acadêmicos. O capital social está relacionado à existência de relações entre grupos, como convites recíprocos, lazer em comum. O capital simbólico está relacionado à honra e ao reconhecimento, assim como boas maneiras e protocolo (BONNEWITZ, 2003).

Neste sentido, a posição de privilégio ou não-privilégio, ocupada por um grupo ou indivíduo, é definida de acordo com o volume e a posse de um ou mais capitais adquiridos e/ou incorporados ao longo de suas trajetórias sociais. O conjunto desses capitais seria compreendido a partir de um sistema de disposições de cultura (nas suas dimensões material, simbólica e cultural, entre outras), denominado por ele de *habitus* (SETTON, 2002).

O *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural –, mas sim o de um agente em ação: trata-se de chamar a atenção para o primado da razão política de que falava Fichte, retornando ao idealismo, como Marx sugeria nas Teses sobre Feuerbach, o lado activo do conhecimento prático que a tradição materialista sobretudo com a teoria do reflexo tinha abandonado (BOURDIEU, 2009, p. 61).

De acordo com Bonnewitz (2003, p. 75), o *habitus* é um conceito central da sociologia bourdieusiana, que viabiliza a “coerência entre a sua concepção da sociedade e a do agente social individual; fornece a articulação, a mediação entre o individual e o coletivo”. Pode-se considerar o *habitus* como um mecanismo estruturante que age a partir dos agentes, mesmo não sendo exclusivamente individual, nem em si mesmo completamente determinativo de conduta. O *habitus* permite a socialização do indivíduo e se transforma em um sistema de disposições duradouras adquiridas pelo indivíduo ao longo de sua vida e de seu processo de socialização:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente “reguladas” e “regulares”, sem ser

em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 1980, p. 88-89 apud BONNEWITZ, 2003, p. 78).

Desta forma, é possível compreender que *habitus* é o princípio gerador de estratégias que permite aos agentes lidar com situações imprevistas e em constantes mudanças; um sistema de disposições duradouras e transponíveis que, agregando as experiências do passado, passa a contribuir como uma matriz de percepção, apreciação e ação, possibilitando a ocorrência de atividades variadas. Essas disposições adquiridas pelo indivíduo durante o processo de socialização refletem em atitudes que permitem perceber, sentir, fazer e pensar. Assim, o *habitus* é o produto da posição e da trajetória social dos indivíduos, sendo ao mesmo tempo a ‘grade de leitura’ que permite perceber e julgar a realidade, e o ‘produtor’ das práticas de cada indivíduo, pois “gostar mais de cerveja do que de vinho, de filmes de ação do que de filmes políticos, votar na direita mais do que na esquerda são produtos do *habitus*” (BONNEWITZ, 2003, p. 78).

O conceito de *habitus* representa a dimensão individual e simbólica dos fenômenos sociais, a dimensão do agente que interage com a realidade social, não sendo apenas o resultado de suas determinações, nem, por outro lado, determinando-a (MATOS, 2011). Bonnewitz (2003, p. 79) considera que o *habitus* é como um mecanismo que interioriza o que está no exterior: “interiorizamos as propriedades ligadas à posição de nossos pais no espaço social. Sujeitos situados em condições sociais diferentes vão adquirir disposições diferentes”.

Essas disposições adquiridas que compõem o *habitus* não possuem regras, são regularidades construídas pelos indivíduos ao longo da vida em sociedade, no seu mundo cotidiano. Cotidiano esse retratado nas pesquisas de Michel de Certeau.

3 MICHEL DE CERTEAU E SUA OBRA

Michel de Certeau foi um padre jesuíta, mas também teólogo, historiador e psicanalista que nasceu no dia 17 de maio do ano de 1925, em Chambéry, França. Graduou-se em estudos clássicos e Filosofia nas universidades de Grenoble, Lyon e Paris. No ano de 1950 passou a receber educação religiosa em um seminário em Lyon, onde ingressou na ordem dos jesuítas e em 1956 foi ordenado. No ano de 1960 tornou-se doutor em Teologia pela Sorbonne. A partir de 1963, auxiliou na criação da Revista *Christus*. Desde o ano de 1966, ele viajou pela Europa e América Latina, em que fez várias visitas ao Brasil, Argentina, Chile, Estados Unidos, Canadá, México, Espanha, Itália, Inglaterra, Suíça e Bélgica.

Já em 1964, Certeau foi um dos fundadores da *École Freudienne*, da qual foi membro até a dissolução em 1984. Em agosto de 1967 ele sofreu um grave acidente de carro em que sua mãe morreu e ele perdeu a visão do olho direito. Então, em 1968 Certeau ganhou notoriedade ao publicar um artigo relacionado com os eventos da revolta estudantil de Maio de 1968, na França, passando a lecionar em diversas universidades do mundo, como Genebra, San Diego e Paris. A partir de 1972, dedicou-se ao estudo das práticas culturais contemporâneas em nome do governo francês. Em novembro de 1974 ele decidiu deixar a comunidade jesuíta e passou a morar sozinho em um apartamento. Durante as décadas de 1970 e 1980, publicou uma série de trabalhos que deixaram nítido o seu interesse pelo misticismo, pela fenomenologia e pela psicanálise.

No ano de 1980 Certeau lança uma de suas obras mais conhecidas denominada “A invenção do cotidiano”. Entre 1978 e 1984, atua como professor titular da Universidade da Califórnia (San Diego). Em 1984 foi eleito para a *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e retornou à França, onde dirigiu o curso de estudos em antropologia histórica das

crenças (século XVI-XVII). Em julho de 1985, ele foi diagnosticado com câncer de pâncreas. No outono, ele retomou as aulas e lecionou até o final de dezembro, vindo a falecer na noite de 9 de janeiro de 1986.

Em suas pesquisas, Certeau evidenciou temas da cultura popular. Uma frase que diz muito sobre o pensamento de Certeau é que “sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas” (GIARD, 2014, p. 19), pois o autor acredita na inteligência e na inventividade do mais fraco, que se movimenta de maneira tática diante das estratégias do mais forte. Assim, diferentemente dos estudos sociológicos efetuados nas décadas de 50 e 60 sobre o tema, em que a cultura popular era retratada com certa passividade do consumidor, do eleitor, do leitor, do homem e da mulher comum, Certeau apresenta uma nova perspectiva, em que as pessoas comuns no seu dia a dia, na vida cotidiana, possuem o que ele chama de criatividade na forma de produção e consumo.

3.1 O COTIDIANO NA PERSPECTIVA DE CERTEAU

O livro “A invenção do cotidiano” de Michel de Certeau, traz um apanhado das pesquisas do autor sobre o cotidiano. O livro apresenta relatos sobre pesquisas coletivas da cultura popular da época em que o autor vivia, pesquisas estas financiadas pelo governo francês que abordaram temas como habitação, lazer, culinária, consumo, leitura e o público de televisão. Neste sentido, Ferraço, Soares e Alves (2017) ressaltam que a formação de Certeau foi bastante eclética, visto que integrou diferentes disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, tais como história, filosofia, teologia, antropologia, sociologia, psicanálise, semiótica, dentre outras. Segundo os autores, Certeau avançou por diferentes campos, em que inventava o melhor percurso de investigação a fim de abordar as questões com as quais trabalharia. Certeau desenvolveu suas pesquisas sobre a vida diária em diversos contextos e áreas como a educação, a psicologia, a antropologia, a saúde e a gestão, inclusive administração.

Ao analisar a forma de produção e consumo das pessoas comuns, também chamadas por Certeau de homem ordinário, o autor identificou que as pessoas desenvolvem e demonstram sua criatividade, por meio de suas práticas, pela forma como escolhem e combinam os diversos elementos da vida cotidiana (objetos, produtos). Segundo Ferraço, Soares e Alves (2017, p. 14), “o estudo das práticas ou das ‘artes de fazer’ cotidianas implica, para Certeau, interrogar as operações dos usuários dos produtos culturais, buscando compreender o que eles fabricam com os usos que fazem do que recebem”. Como também dão sua própria interpretação em relação ao que leem nos jornais e revistas e ao que assistem na televisão. Ou seja, eles fazem uma bricolagem, fazem um uso diferente daquilo que consomem. Essas escolhas efetuadas pelos indivíduos foram chamadas por Certeau como “práticas” ou “artes de fazer”, sendo essas práticas entendidas como estratégias e táticas (CERTEAU, 2012). De acordo com Honorato e Saraiva (2016) as estratégias são atos cotidianos que estabelecem uma organização, o que acaba por definir uma hierarquia, uma estrutura própria de funcionamento e um lugar de poder. No entanto, “as estruturas criadas pelas estratégias podem conter fissuras, as quais possibilitam movimentos da parte ‘fraca’ da hierarquia” (HONORATO; SARAIVA, 2016, p. 176).

Assim, ao mesmo tempo em que o homem ordinário é o homem simples, do cotidiano, dominado, para Certeau (2012) ele não é totalmente passivo, pois, por meio de táticas, “golpe por golpe”, pode subverter a ordem e burlar o que está posto e determinado, caracterizando assim um campo de disputas e rupturas, tendo em vista também que Certeau considera que há criatividade no cotidiano dos indivíduos, das pessoas comuns. Mas, afinal, o que é cotidiano para Certeau?

...o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível... (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2012, p. 31).

Assim, para Certeau (2012), o cotidiano não se constitui somente de regularidades, normas ou regras esperadas, mas também se constitui de rupturas, compreendendo que o indivíduo tem sua capacidade de ação, mesmo que de forma micro, quase invisível, por meio de sua criatividade e de suas práticas. O autor busca fazer um diálogo com outros autores para fazer um contraponto e evidenciar essas ações diárias, de tática, de golpe por golpe que o homem ordinário é capaz de fazer:

... o cotidiano para Certeau são procedimentos. A partir de um diálogo crítico com a Microfísica do Poder, de Michel Foucault; com a Teoria da Prática, de Pierre Bourdieu, e a abordagem do antropólogo e historiador Marcel Detienne Certeau aproxima seu conceito de cotidiano à noção de jogo. As ações são, assim, proporcionais às situações vividas (LEITE, 2010, p.746).

Ao analisar a vida cotidiano do homem ordinário, Certeau foi capaz de identificar como esse homem se apropria e reinventa esse cotidiano, atribuindo novos significados, novos saberes, novos conhecimentos e novas formas de agir nas microesferas da vida em sociedade, taticamente, golpe por golpe, mesmo que em pequenos movimentos, mas não estando passivo a tudo que está ao redor (CERTEAU, 2013; LEITE, 2010), pelo contrário, podendo subverter o formalmente estabelecido.

4 APROXIMAÇÕES ENTRE BOURDIEU E CERTEAU

Embora de classes sociais distintas, Bourdieu era de família humilde e Certeau era da nobreza, Bourdieu e Certeau apresentam diversas similaridades. Ambos os autores são originários da França e durante toda a vida desenvolveram pesquisas importantes que até hoje têm direcionado as pesquisas de diversos outros pesquisadores no mundo. Bourdieu e Certeau apresentaram temas e conceitos que trouxeram nova dinâmica na forma de olhar e de investigar a vida em sociedade, o indivíduo que é ao mesmo tempo dominado e agente de suas ações e escolhas. Ao pesquisarem a vida em sociedade, Bourdieu e Certeau apresentaram novas perspectivas da vida cotidiana.

Bourdieu pesquisou por vários anos a sociedade francesa, a forma como o gosto, tanto pelo consumo, pelas obras de arte, até mesmo pela escolha do matrimônio era desenvolvida entre as pessoas (BOURDIEU, 2009). Além de pesquisar a educação por diversos anos, com pesquisa de campo em várias escolas. Desta forma, identificou também que nos diversos campos de atuação, existem regras distintas de atuação, de ação, de “funcionamento” do grupo pertencente à ele e que esse mesmo campo é também um campo de lutas, de opressão e de disputa. Para ser aceito ou ter ascensão em determinado campo, o indivíduo necessita ter o capital necessário, que pode ser econômico, cultural, social ou simbólico.

Assim como Bourdieu, Certeau também desenvolveu suas pesquisas na sociedade francesa por diversos anos, ambos observando a vida em sociedade, utilizando-se da observação e da proximidade com o campo de pesquisa e os indivíduos que dele fazem parte, para compreender e apreender com maior propriedade o fenômeno estudado.

Ao tratar da teoria dos campos de Bourdieu e considerar o campo como um espaço de lutas, em que o indivíduo busca por meio do capital necessário manter ou conquistar o espaço almejado, torna-se possível a aproximação com Certeau, que compreende que o cotidiano do homem ordinário não é limitado ao que está formalmente estabelecido, mas também é um local de rupturas, em que o indivíduo tem a possibilidade de agir por meio de suas práticas, sejam elas táticas ou estratégias, para subverter a ordem determinada.

Certeau não defendia a ideia de passividade da pessoa comum, ao contrário acreditava na criatividade existente no cotidiano, na rotina, pois identificou que as pessoas davam novos significados ao que viam, ouviam e liam, bem como dispunham de novas combinações para os elementos disponíveis, como os bens de consumo. Leite (2010) ainda salienta o conceito de *habitus* de Bourdieu, produzido pelas práticas sociais que são advindas de estruturas estruturadas, ao mesmo tempo que são estruturantes. Essa prática da vida social que produz o *habitus* do indivíduo é o que gera a rotinização da vida cotidiano do homem ordinário.

Esse processo de criatividade do homem ordinário evidenciado por Certeau, representado também pelas táticas desenvolvidas por este homem, mesmo que em micro esferas da vida social, pode ser considerado como uma forma de resistência desse homem ao que está posto, na tentativa de subverter a ordem, assim como a resistência evidenciada por Bourdieu, no *habitus* do indivíduo que não é somente estrutura estruturada, mas também estruturante, que permite que haja lutas e contradições no campo em que o indivíduo está inserido (BOURDIEU, 2007, 2009; CERTEAU, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar um pensador em diálogo com seus contemporâneos é um procedimento frutífero. Neste caso, o que aqui se buscou foi promover um diálogo entre as ideias de dois dos sociólogos mais importantes dos últimos tempos: Pierre Bourdieu e Michel de Certeau. É claro que há ainda muito o que se investigar, identificar e explorar, porém o objetivo foi apresentar e compreender os principais conceitos das obras de Bourdieu e Certeau.

Ao compreender o conceito de campo, segundo Bourdieu, como um lugar em que ocorrem rupturas e lutas, onde o indivíduo busca por meio do capital necessário (capital este que pode ser econômico, cultural, social e simbólico) obter uma posição ou posto elevado, é possível encontrar semelhança com o cotidiano de Certeau, que compreende que o indivíduo não está subjugado ao que está posto, mas tem a capacidade de subverter o que foi estabelecido pelo poder dominante, por meio de sua criatividade, ou seja, de suas práticas.

O conceito de *habitus* de Bourdieu, como estrutura estruturada e estruturante, sendo o gerador de estratégias, em que o indivíduo se desenvolve, adquire disposições que formam seus gostos e é construída ao longo da vida em sociedade, também se aproxima do conceito de cotidiano, de práticas (que podem ser estratégias ou táticas) de Certeau. Ao passo que o *habitus* faz parte do cotidiano do indivíduo, cotidiano esse retratado por Certeau, é possível ver a aproximação entre as obras dos autores.

Cabe, porém, salientar que este ensaio não contempla todas as possibilidades de diálogo entre os autores, haja vista que é necessário dar sequência na análise das obras em conjunto e, como forma de enriquecer a pesquisa, realizar pesquisas empíricas que evidenciem a existência de semelhanças entre os autores e seus conceitos, o que traria uma oportunidade de maiores evidências dessa aproximação ao campo da Administração, principalmente.

6 REFERÊNCIAS

- BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BOURDIEU, P. **A Distinção, crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. **Pedagogia y Saberes**, n. 46, p. 7-17, 2017.
- FRAZÃO, D. **Biografia de Pierre Bourdieu**. 2015. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/pierre_bourdieu/>. Acesso em: 12 Ago. 2019.
- GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 9-31.
- HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S. Cidade, população em situação de rua e estudos organizacionais. **Desenvolvimento em questão**, v. 14, n. 36. p. 158-186, 2016.
- LEITE, Rogerio Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.
- MATOS, E. B. A gênese da resistência criativa nas idéias de agência de Certeau e de *habitus* de Bourdieu. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, XXXV, Rio De Janeiro. **Anais...** Rio De Janeiro: Anpad, 2011.
- SETTON, M. G. J. **A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação, n. 20, p. 60-70, 2002.